



UnB – Universidade de Brasília  
IL- Instituto de Letras  
LIP – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Vinicius Pereira Sales Caetano

**LOCUÇÕES PREPOSITIVAS:**

**PROCESSOS DE FORMAÇÃO**

**Brasília,**

**4 de outubro de 2012**



UnB – Universidade de Brasília  
IL- Instituto de Letras  
LIP – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

Vinicius Pereira Sales Caetano

Matrícula 09/0135105

## **LOCUÇÕES PREPOSITIVAS:**

## **PROCESSOS DE FORMAÇÃO**

Monografia apresentada à  
Universidade de Brasília para fins  
de aprovação na disciplina  
Seminário de Português.

Orientadora: Dra. Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles

**Resumo:** O presente estudo faz uma análise dos processos que estão envolvidos por trás da formação de locuções prepositivas questionando seu papel e suas funções. Baseia-se principalmente no livro *Processos de Gramaticalização de Preposições do Latim ao Português* da Professora Dra. Rousata M. G. Fagundes Poggio. Sob a perspectiva da teoria da gramaticalização, buscar-se-á traçar as origens dos processos de formação de locuções, bem como as da utilização de preposições para construção de estruturas sintáticas nas línguas românicas, em especial no português.

**Palavras-Chave:** Locução prepositiva; latim corrente; gramaticalização; preposição (diacronia).

Dedico este trabalho a Deus, pois ele me deu minha família, sem a qual nada na minha vida seria possível. Portanto ao Jorge, à Sarah, à Amanda, à Juliana, à Patrícia, ao Rafael e ao Thiago, meu muito obrigado.

*Se uma pessoa tem perseverança, sua vontade será realizada.*

Provérbio Chinês

## ÍNDICE

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>RELAÇÕES HISTÓRICAS. FONTES DO LATIM CORRENTE</b> .....	<b>9</b>
<b>2.1</b>	<b>UMA QUESTÃO DE MÉTODO</b> .....	<b>9</b>
<b>2.2</b>	<b>FONTES DO LATIM VULGAR</b> .....	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>LATIM VULGAR: UMA QUESTÃO DE NOMENCLATURA</b> .....	<b>11</b>
<b>4</b>	<b>A PREPOSIÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS</b> .....	<b>14</b>
<b>4.1</b>	<b>DEFINIÇÃO DE PREPOSIÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>4.2</b>	<b>NO LATIM CLÁSSICO</b> .....	<b>16</b>
<b>4.2.1</b>	<b>Com acusativo</b> .....	<b>17</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Com Ablativo</b> .....	<b>18</b>
<b>4.3</b>	<b>NO LATIM CORRENTE</b> .....	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>TEORIA DA GRAMATICALIZAÇÃO</b> .....	<b>25</b>
<b>6</b>	<b>ESTUDO DAS PRINCIPAIS PREPOSIÇÕES FORMADORAS DE LOCUÇÃO</b> .....	<b>28</b>
<b>6.1</b>	<b>MÉTODO ORGANIZACIONAL DE SIGNIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES</b> .....	<b>28</b>
<b>6.2</b>	<b><i>a</i> DO LATIM <i>ad</i></b> .....	<b>30</b>
<b>6.2.1</b>	<b>Análise</b> .....	<b>33</b>
<b>6.3</b>	<b><i>de</i> DO LATIM <i>de</i></b> .....	<b>36</b>
<b>6.3.1</b>	<b>Análise</b> .....	<b>38</b>
<b>7</b>	<b>LOCUÇÃO PREPOSITIVA</b> .....	<b>40</b>
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>44</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo faz uma análise dos processos que estão envolvidos por trás da formação de locuções prepositivas questionando seu papel e suas funções. Baseia-se principalmente no livro *Processos de Gramaticalização de Preposições do Latim ao Português* da Professora Dra. Rousata M. G. Fagundes Poggio. Sob a perspectiva da teoria da gramaticalização, buscar-se-á traçar as origens dos processos de formação de locuções, bem como as da utilização de preposições para construção de estruturas sintáticas nas línguas românicas, em especial no português.

Sabe-se que no latim cotidiano falado é mais fácil encontrar o uso de preposições, bem como exemplos de novas maneiras de construir a sentença. Ao contrário, no latim literário esse tipo de construção é mais monitorada, acontecendo somente por desvio ou desconhecimento do autor. O chamado latim vulgar, que nesse estudo trataremos por latim corrente, língua falada pelo povo e comprovadamente origem das línguas românicas, desenvolveu com expressividade o uso das preposições. E este uso desenvolveu-se de tal forma que hoje, em português e nas demais línguas românicas, não há mais casos e suas funções foram absorvidas pelo uso da preposição.

Percebesse, portanto, que, principalmente desde fim do Império Romano, o uso de preposições para relacionar os termos regidos e regentes tem crescido esporadicamente. Entende-se com isso que o uso de preposições é uma estratégia essencial de comunicação, pois é por meio delas que podem interagir dois termos que antes não exprimiam qualquer relação. A preposição, entretanto, não serve apenas como ponte de ligação, ela empresta material semântico às construções e, se não pode modificar o significado nem do regente nem do regido, nem por isso deixa de modificar a forma como eles se relacionam.

Algumas preposições já estão mais gramaticalizadas do que outras. É o caso, por exemplo, do *a* que acompanha o objeto indireto, totalmente apagada do ponto de vista semântico. Há, porém vezes em que deixam bem claro seu valor, como com o verbo viajar que, dependendo da preposição que seleciona, se relaciona diferentemente com seu complemento (*Viajar a...*; *Viajar com...*; *Viajar por...*; *Viajar de...*, etc.).

As locuções servem para renovar o quadro de preposições, emprestando à língua maior liberdade ao se relacionar um termo com outro. As principais maneiras de se formar locuções prepositivas são três: preposição + nome + preposição (pelo amor de); preposição + advérbio + preposição (a maneira de); e preposição + preposição (para com). Nota-se que muitas locuções já estão em um estágio diferente de gramaticalização, como a preposição *acima*, em que já se aglutinaram as duas palavras que a compõe.

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: Em primeiro lugar traçamos um breve histórico do latim no império românico distinguindo o latim clássico literário, do latim corrente, questionando os métodos de reconstrução dessa língua falada. Nessa parte também aproveitamos para dizer quais as fontes do latim dito vulgar e quais as limitações que temos ao utilizá-las.

Discute-se, na seção seguinte, a nomenclatura dada pela maior parte dos autores à fala popular e coloca-se em xeque a denominação latim vulgar. Como já dissemos, adotamos nesse trabalho, assim como Serafim da Silva Neto, os termos latim corrente ou latim cotidiano.

Faz-se uma breve introdução aos conceitos de preposição, procedendo com a análise de suas funções em cada época. Fala-se brevemente sobre a teoria da gramaticalização, que é o aporte teórico de nosso trabalho e também sobre o método organizacional proposto por Celso Cunha e Lindley Cintra em sua *Nova gramática do português contemporâneo* que pegamos como modelo para análise.

Escolhemos duas preposições para descrever, *de* e *a*. A razão dessa escolha é que são elas as principais formadoras de locução e também as preposições que, ao longo do tempo, mais tomaram para si as funções não só de casos, mas também de outras preposições.

Por fim partimos para a análise da formação de locuções preposicionais sob a perspectiva da teoria da gramaticalização, buscando encontrar no passado, respostas para os fenômenos do hoje.

## 2. RELAÇÕES HISTÓRICAS. FONTES DO LATIM CORRENTE.

### 2.1. Uma questão de método

Theodore Maurer Jr, em seu livro *O problema do latim vulgar*, estabelece que dois problemas principais deveriam instigar o romanista. O primeiro deles é a relação existente entre o latim clássico e o corrente, particularmente em seu caráter social, como língua falada. O segundo diz respeito às fontes, ou seja, “a sua estrutura geral, até onde a comparação das línguas românicas nos permite reconstruí-la em suas linhas mestras” (MAURER JR., 1962, p. 12)

É extremamente importante que tenhamos em mente que em primeiro lugar se falou a língua, depois se escreveu. Logo, as mudanças ocorridas na fala são muito mais rápidas e dinâmicas, isso cria uma tensão entre comunicação escrita e oral e geralmente resulta em variações no sistema escrito. Por muito tempo pensou-se que as línguas românicas derivavam do latim literário. Leigo erro, pois hoje se verifica que essa afirmação seria descabida, diante da realidade que nos mostrou o comparativismo e o estudo de materiais epigráficos recolhidos das mais diversas épocas.

De acordo com Maurer (Idem, p.11), só o método comparativista nos proporciona o “**conhecimento dos característicos gerais** do mesmo (Latim corrente), sem o qual seria impossível fazer uma avaliação fiel e científica do material linguístico”. No entanto, ressalta mais adiante:

“Também há um lugar importante para o estudo do material epigráfico, sempre mais rico, para melhor conhecimento do latim falado no Império Romano. Trata-se de testemunhos diretos e imediatos da latinidade antiga. O seu inconveniente mais grave está em que as inscrições não pretendem representar a língua falada, menos ainda a língua da plebe inculta. O seu testemunho é involuntário, dado por descuido, para assim dizermos, disfarçado em uma mescla mais ou menos incoerente de formas, que exigem cuidadosa interpretação para poderem ser utilizadas” (Idem, p. 11-12)

Dessas duas falas de Maurer, depreende-se que a forma de reconstrução mais segura é aquela que leva em conta os dois métodos. Isso porque reconhecemos no

comparativismo um filtro para a pesquisa epigráfica e, na pesquisa epigráfica, uma confirmação para o método comparativista.

## 2.2. Fontes do Latim Vulgar

Algumas das principais fontes do latim vulgar, de acordo com Maurer Jr (1962, p. 16-20), são:

a) Os gramáticos, lexicógrafos e mestres de retórica que fazem várias referências a “erros” cometidos pelos incultos ou a expressões de uso popular que não eram bem-vindas no uso literário. Entre esses podemos citar como exemplo, os *Etymologiarum sive originum libri XX* de Isidoro de Sevilha, há os glossários, dentre os mais conhecidos o *Appendix Probi*, assim chamado por estar anexo ao texto gramatical de Probo (data possivelmente do séc. III).

b) Obras latinas publicadas por autores de baixa cultura ou que queriam descrever os ambientes e falares populares de Roma.

No primeiro caso, temos as obras *Bellum africanum* e o *Bellum hispaniense*, de autores desconhecidos. Devido ao pouco conhecimento de gramática e do uso erudito, estes livros refletem em seus desvios, ou expressões, falas populares. Geralmente são obras tardias, ou seja, escritas depois do período clássico, basicamente relatos de viagem, etc.

No segundo caso, há o emprego intencional de plebeísmos léxicos, morfológicos, sintáticos e até fonéticos. Como exemplos temos Plauto e Petrônio, com *Satiricon*. Muitos autores religiosos também se aproximaram da linguagem popular para adequar a leitura ao povo, como é o caso das obras de St. Agostinho.

c) Inscrições que vão desde antes da era cristã até o fim do Império Romano. Tem um acervo imenso e muito rico e apresentam diversas vantagens, entre elas a espontaneidade, sem preocupação linguística. Os autores, presume-se, tinham baixa escolaridade e as escrituras ficaram muito bem preservadas. São exemplos os grafitos de Pompéia e as *Defixionum Tabellae* (tábuas de Esconjuro). Todas duas produções são extremamente populares e têm, por isso, grande valor.

d) Termos latinos que podem ser encontrados nas línguas que estiveram em contato com Roma na antiguidade (Inglês, Alemão, etc.)<sup>1</sup>

e) As línguas Românicas através do método comparativo. Permite uma restauração indutiva da forma que as originou. Esse método, dá uma visão geral do léxico, fonética, morfologia e sintaxe do latim corrente. Muito importante para esse método foi o romeno, que tem seu valor graças a condicionantes históricos, políticos e geográficos.<sup>2</sup>

### 3. LATIM VULGAR: UMA QUESTÃO DE NOMENCLATURA.

Toda língua tem uma história. Assim como sabemos que há uma descendência genética rastreável entre humanos e símios, sabemos que o mesmo pode-se afirmar sobre as línguas. Mesmo o latim, ancestral mais conhecido das línguas românicas, pode ter sua genética mais ou menos decifrada até o proto-indo-europeu.

Como ocorre, então, a separação entre uma língua e outra? Fato é que, muitas vezes na história da humanidade, por razões das mais variadas, uma determinada língua é afetada por variações de maneira tão profunda que, em algum momento, ela muda, torna-se outra língua sensivelmente diferente de sua predecessora.

O caso do português e das demais línguas românicas não é diferente. A raiz latina nunca foi um segredo, pelo contrário, em muitos momentos históricos, a proximidade com o latim foi utilizada como motivo de louvor e valorização de determinado dialeto. Muitas vezes, por causa exatamente da verificação dessa familiaridade, um falar de determinada região ganha contornos de língua nacional adquirindo *status* político e, por conseguinte, poder.

Verificou-se, porém, uma singularidade entre as línguas românicas. Seus termos não pareciam derivar do latim dito clássico, daquele que era escrito e que sobreviveu até nossos tempos nas obras dos grandes filósofos e literatos.

A razão disso é que essas línguas derivaram de um latim que, em oposição ao latim clássico, chamou-se latim vulgar. Suas construções eram mais analíticas e

---

<sup>1</sup> Conferir MAURER, 1956, p. 28 e ss.

<sup>2</sup> Sobre a importância do romeno ver MAURER, 1962, p. 85 e ss.

simplificadas, um latim diferente do clássico em estrutura e léxico muitas vezes. Um latim das massas, do povo, da plebe, mais falado do que escrito, repreendido pelos grandes autores como uma corruptela do clássico. É a ele, entretanto, que devemos recorrer se quisermos encontrar os caminhos de evolução do português atual e de boa parte das línguas europeias.

Basseto (apud, Boff, 2010) ratifica esse ponto de vista quando diz:

“o *sermo plebeius* era essencialmente falado e era a norma da porção menos favorecida da sociedade. Essa porção da sociedade era tão desprezada pela aristocracia que esse latim foi ignorado pelos estudiosos romanos, mas era vivo e real, tanto que acabou por originar as línguas românicas”<sup>3</sup>.

Houve (e de certa forma ainda há<sup>4</sup>) grande dificuldade para definir o que seria Latim Vulgar. Porém cabe-nos adotar uma definição com a qual trabalhar antes de continuarmos, afinal, como diria Schuchardt (apud SILVA NETO, 1946, p. 32) “nomenclatura imprópria é tão danosa à ciência quanto nuvens à navegação”.

E é o próprio Schuchardt quem nos coloca a questão:

“O problema é, de fato, muito difícil, porque a expressão *latim vulgar* não significa uma só linguagem, mas uma soma de camadas linguísticas e dialetos, desde o latim até o aparecimento das línguas românicas.” (Idem, p.32)

Como lidar então com essa variedade? Ainda mais quando não há muitos registros que possam nos dar certeza de como cada camada falava naquela época. Além disso, temos de levar em conta que desde o séc. III a.C o latim *real* se defronta com o latim *trabalhado* aquele talhado e polido pelos literatos. A diferença entre eles pode ser

---

<sup>3</sup> As variedades populares ou vulgares do latim não foram, como disse Basseto, tão ignoradas assim. Também não foram devidamente estudadas, é verdade, mas isso não quer dizer que ficaram esquecidas. Quintiliano, por exemplo, assim definiu o que chamou “*sermone quotidiano*”: *quo cum amicis coniugibus, liberis, servis loquamur* (SILVA NETO, 1946, pag. 37). (aquele que falamos com os amigos, cônjuges, filhos e servos.) (tradução nossa).

<sup>4</sup> Cf. o trabalho de Valquíria Mendes Boff “Da dificuldade em definir ‘Latim Vulgar’” 2010.

vista em alguns usos divergentes ou novos como o da preposição *de* que passa a indicar: a) matéria – *templum de marmore*; e b) causa – *de tuis lacrimis umida certa*<sup>5</sup>.

Mais uma distinção deve ser feita entre latim vulgar e latim clássico. E Savi-Lopez (apud SILVA NETO, 1946, p.42) a esclarece muito bem: “*il latino volgare è il latino vivo; il latino letterario è il latino morto, è quello dei libri, delle scuole, della cultura.*” Nessa oportunidade Lopez também comenta que é um erro contrapormos o latim vulgar e o literário subjulgando aquele em favor deste. Muitos autores, ao longo dos séculos, insistiram nesse erro comum, mas perigoso, já que não devemos ignorar o latim dito vulgar somente pelo fato de que não o afirmaram grandes oradores ou filósofos. Devemos considerar, portanto, o latim vulgar como o latim vivo e o clássico como o cristalizado.

Hofmann (Apud, SILVA NETO, 1946, pag. 36) propõe que “[...] a língua vulgar só pode ser um outro grau mais baixo, no sentido que nós temos de ver nela a linguagem das camadas inferiores, há muito tempo desabitadas da disciplina da escola, dos modelos da literatura, ou inteiramente afastadas da influencia literária.” Lembremos, portanto, que esse latim vulgar era a fala cotidiana da maior parte da população, ou seja, da camada mais baixa.<sup>6</sup>

Porém não é consenso que a utilização do latim vulgar seja somente da camada mais baixa. Lot dá mais abrangência ao termo quando diz que “[...] *le latin vulgaire n'est pas nécessairement la langue du vulgaire. [...] Le latin vulgaire c'est le latin parlé, évoluant suivant des lois inconscientes, mais implacable, au cours des siècles. C'est le latin en usage dans toutes les classes de la société, en haut comme au bas de l'échelle, c'est le latin tout court*” (apud SILVA NETO, 1946, pag. 40).

Diante do que foi exposto, parece-nos que o termo *latim vulgar* não é o mais adequado, pois não traduz com precisão técnica tudo que deveria abranger em sua definição. Sendo assim, decidimos acompanhar Serafim da Silva Neto que, em lugar de latim vulgar, prefere *latim corrente* ou *latim cotidiano*. Essas duas expressões parecem captar melhor o sentido que a definição aponta, além de terem a vantagem de dialogar mais livremente com o conhecimento pós-auricular de funcionamento linguístico.

---

<sup>5</sup> “Por causa de suas lágrimas minha coroa está molhada”

<sup>6</sup> Sobre essas relações criadas entre o latim corrente e o prestígio social, vale recorreremos às ideias de Meillet “Le latin vulgaire est un ensemble de tendances qui se sont réalisées à des degrés divers suivant la condition et l' education des divers sujets parlants, suivant les lieux”

## 4. A PREPOSIÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS

A seguir faremos um breve diálogo sobre a definição e a função das preposições em três frentes: nos estudos atuais, no latim clássico e no latim corrente. Todos esses momentos estão inter-relacionados, fizemos essa divisão exclusivamente para fins didáticos e organizacionais.

### 4.1.DEFINIÇÃO DE PREPOSIÇÃO

Segundo definição constante na *Gramática Houaiss* (2010, p. 196) de José Azeredo, preposição é “*a palavra invariável que precede uma unidade nominal – substantivo, pronome substantivo, infinitivo –, convertendo-a em constituinte de uma unidade maior*” (itálico no original, destaque nosso). Adotando uma abordagem mais funcionalista, Napoleão Mendes, em sua *Gramática metódica* (1999) define a preposição como “um **conectivo**, uma palavra que liga outras”, ressalva, porém, que uma preposição só pode ligar palavras, diferentemente das conjunções que ligam orações. Já Celso Cunha e Lindley Cintra (2007, p.569) dizem que as preposições são palavras invariáveis “que relacionam dois termos **de uma oração**, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente).” (grifo nosso).

Está claro que a preposição tem a função de ligar um complemento a uma palavra complementada. Ao primeiro elemento dá-se o nome de *antecedente* e ao segundo de *consequente* sendo eles ligados por uma palavra invariável: a preposição<sup>7</sup>. Sobre a função da preposição Azeredo comenta que, por ser a preposição termo apto a formar construções ou locuções de caráter adjetivo ou adverbial, ela pode ser enquadrada como um transpositor<sup>8</sup>.

As preposições podem ser de dois tipos distintos, sendo eles: essencial e accidental. As essenciais são aquelas que se comportam como preposições a maior parte do tempo. Já as accidentais são cambiantes, vão de uma classe a outra e definem-se como preposições somente após a análise de sua função na frase.

---

<sup>7</sup> Do latim *prae* = diante de; *positionem* = posição. Como a preposição vai precedendo o consequente e formando com ele o “complemento” do primeiro termo, recebeu este nome devido a sua posição ideal.

<sup>8</sup> Chama-se transposição “o processo pelo qual se formam sintagmas derivados de outras unidades, as quais podem ser sintagmas básicos ou orações.” (AZEREDO, p. 296) Os transpositores, por conseguinte, são as unidades que promovem essa transformação.

Cunha e Cintra ainda a classificam quanto à forma. Sendo elas **simples**, quando expressas por um só vocábulo ou **compostas**, quando expressas por dois ou mais vocábulos. Essas últimas, também chamadas **locuções prepositivas**, tema central de nosso trabalho, geralmente tem sua formação como um vocábulo mais *de*.

Quanto à significação das preposições os três autores assumem abordagens diferentes. Napoleão, apesar de trazer um bom arcabouço histórico, nada fala, senão esparsamente, do significado.

Já Azeredo propõe discussão interessante relativa ao valor semântico das preposições. Segundo o autor “as preposições contribuem de forma mais ou menos relevante para o significado das construções em que participam”. De acordo com ele a relevância da preposição para a construção do significado depende do seu *grau de liberdade*, ou seja, do grau de liberdade do enunciador para escolha da preposição. A seleção da preposição muitas vezes é feita pelo contexto sintático, isto é, ela é selecionada pela palavra que a precede (dependo *de*, concordo *com*, refiro-me *a* etc.). Há casos, porém, como o da preposição em viajar (viajar *com*, viajar *de*, viajar *para*, viajar *a*, etc.).

Azeredo propõe que

“no primeiro conjunto, a preposição anexa ao verbo – enfraquecida ou mesmo esvaziada de seu sentido próprio – constitui um apêndice dele, marcando sua classe sintática. O SN regido pela preposição funciona como um complemento (relativo ou nominal) desse núcleo. No segundo conjunto, ela forma com a unidade seguinte um sintagma preposicional de função adverbial ou adjetiva, além de se destacar, por ser uma escolha entre outras, pelo significado que acrescenta à construção”. (AZEREDO, 2010, p.197)

Celso Cunha tem uma abordagem mais sistemática. Começa dividindo entre preposições que implicam movimento ou não movimento, em outras palavras, movimento ou uma situação daí resultante. Tanto o *movimento* como a *situação* podem ser considerados com referência ao **espaço**, ao **tempo** e à **noção**.

A preposição *de*, por exemplo, pode se comportar de maneira diferente em várias situações. Na frase *Todos saíram do quarto (de têm característica de movimento*

e espaço) em *A loja abre de 8 as 18 de segunda a sexta* (*de* é situação e tempo) e em *Bloco de pedra*, ou, *Esperneava de agonia* (*de* assume como sendo situação e noção). Entretanto Cunha (2007, p. 571) comenta que:

*“a preposição de relaciona palavras à base de uma ideia central: ‘afastamento de um limite’, ‘procedência’. [...] Os matizes significativos que esta preposição pode adquirir em contextos diversos derivarão sempre desse conteúdo significativo fundamental e das suas possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional, com a presença ou a ausência de movimento”.*

Dessa afirmação de Cunha, podemos inferir que, mesmo adquirindo vários tons de um uso para outro, mantém-se um significado essencial (que Celso Cunha chamou de “Conteúdo Significativo Fundamental”). Essa visão permite analisar melhor cada caso, pois, além de considerar o significado da preposição no uso, também recupera seu “significado original”, construindo uma ponte relacional entre o sincrônico e o diacrônico, que embora pareça frágil em determinadas situações<sup>9</sup>, serve perfeitamente ao que se propõe.

## 4.2.NO LATIM CLÁSSICO

Cart (1986, p. 85) nos fala do emprego das preposições no latim clássico da seguinte forma: *“as preposições são frequentemente, advérbios de sentido local mais ou menos estendido. Tornaram-se instrumentos muito sutis, muitas vezes obrigatórios, que servem para introduzir substantivos (e pronomes) adjuntos adverbiais em tal e tal caso”.*

**Circum**, por exemplo, que corresponde à locução prepositiva *em volta de*, ao se juntar ao acusativo **silvam** (floresta) formava a construção: **circum silvam** (em volta da floresta). As preposições eram tradicionalmente usadas para formar adjuntos adverbiais principalmente locativos. Podiam reger dois casos latinos, o acusativo e o ablativo.

As preposições tinham, na grande maioria das vezes, usos bastante específicos, geralmente quando havia risco de má interpretação ou quando a flexão causal era insuficiente para indicar a função do termo na sentença. Daniele Felizola aponta para

---

<sup>9</sup> Principalmente quando essa preposição assume um caráter mais nocional, afastando-se do sentido concreto.

um uso crescente da preposição, partindo da função de marcação do complemento verbal, até seu uso mais corrente como apoio semântico-discursivo:

*“Inicialmente as preposições começaram a ser empregadas no latim para subordinar o complemento ao verbo, posteriormente sendo mais usadas em decorrência da redução dos casos latinos, que foi ocasionada pela indistinção dos casos pelas flexões, com o objetivo de dar clareza a alguns valores semânticos empregados no discurso”.* (OLIVEIRA, 2012, p. 2)

Cabe-nos perceber que o uso da preposição vinha crescendo mesmo dentro do latim clássico. Mariano Bassols de Climent (1967, p. 225) faz uma analogia interessante dizendo que há uma proporção inversa entre o número de preposições e o número de casos de uma língua. Segundo ele, o latim se encontra no centro dessa tensão uma vez que no Indo-europeu não havia preposições e que nas línguas românicas não há casos.

A maioria das preposições derivou de advérbios. Bassols aponta que as preposições mais antigas constroem unicamente com o ablativo e com o acusativo. De acordo com o autor, “pode-se, em consequência (dessa constatação), afirmar-se que só os casos que expressam uma **relação material concreta** podem ir determinados por preposições”. (CLIMENT, 1967, p. 228). (Grifo nosso).

Não se pode acreditar que somente depois da queda dos sons finais de algumas declinações, ou depois que ficaram próximos alguns casos é que a preposição teve lugar no latim. Climent dá exemplos de seu uso, que existiu tanto no latim clássico em seu período áureo, como em seu período decadente.

#### **4.2.1. Com acusativo**

Com o caso acusativo as construções que indicavam direção, que Climent chamou de acusativo de direção (Idem, p. 55), são regidas por preposições na maioria das ocorrências. Tanto isso se mostra verdadeiro que o autor não se preocupa em relacionar os casos em que ela aparece, mas sim em comentar os que aceitam sua ausência, como é o caso de alguns nomes próprios, genéricos ou abstratos. Essa função geralmente é assinalada por *in* e *ad*, por exemplo: *ire ad sculam* ou *in domus intrarem*.

Há alguns casos também onde o uso da preposição, embora não seja exigida, se torna comum já no período clássico. É o caso de verbos como ‘pedir’ ou ‘exigir’

(bitransitivos) que se constroem em latim clássico com acusativo e ablativo regido por *ab* (quando se trata de um ser animado a ser representado pelo ablativo), p. ex., *petere aliquid aliquem o ab aliquo* (Pedir qualquer coisa **a qualquer um**). Quando, por outro lado, o termo representado pelo ablativo é uma coisa usa-se a preposição *de*, p. ex *rogare aliquem de re* (Perguntar alguém **sobre algo**, ou **de algo**). (CLIMENT, 1967, p. 59 e p. 101).

Com a perda fonética das declinações no fim do império, em período de decadência, o acusativo passa a assumir o papel de outros casos, sendo esse uso mais vulgar e tardio. O reflexo desse fato nas línguas românicas, porém é evidente: boa parte do léxico teve sua forma derivada do acusativo.

#### 4.2.2. Com Ablativo

O caso ablativo é o que mais apresenta a presença de construções regidas por preposição. Isso já era de se esperar, pois, na maior parte das vezes, serve-se do ablativo para as determinações circunstanciais, função hoje introduzida pela preposição, sendo essa uma tendência que vem desde o latim arcaico e que se popularizou no período decadente, principalmente na fala. (MAURER, 1962)

Mariano Bassols confirma essa alegação em sua gramática também:

“[...] tal tendencia se acusa con especial intensidad en el habla vulgar de la época imperial y triunfa plenamente en romance hasta el punto de que el uso de un nombre sin preposición en función de ablativo queda únicamente circunscrito a ciertos giros estereotipados [...]”  
(Idem, p. 118)

Usava-se preposições com:

Ablativo Separativo: Sua acepção denota ponto de partida ou separação, em sentido concreto ou figurado. Na transição para o Romance o ablativo separativo simples foi sendo substituído pela preposição *de*. O latim clássico ainda apresenta situações onde é usado o ablativo separativo simples, ou seja, sem preposição. Contudo são poucos os casos prevalecendo a marcação dessa função pelas preposições latinas *ab*, *ex* e *de*. O emprego ou não da preposição vai depender exclusivamente da natureza do nome ou do verbo da frase. Em algumas situações como nomes próprios, nomes de

cidade, etc., preferia-se o uso sem preposição *Roma fugere; Thebis redire* [Plauto] (Longe de Roma; volto para Tebas). Não é raro, porém encontrar quem use a preposição mesmo nessas circunstâncias: *ab Tusculo reducere legiones* [Tito Livio] (reduzem as legiões de Tulusco). Em nomes de regiões ou países usa-se sempre o ablativo com preposição, *ex Italia, ex Attica*, etc. Esse uso é comum desde o latim arcaico. (CLIMENT, p. 119-120).

Se um nome não exigir preposição, pode o verbo fazê-lo. No caso do ablativo a maior parte dos verbos simples<sup>10</sup> constrói com ablativo separativo usando preposição. Alguns deles aceitam as duas construções como *arcere, intercludere*, entre outros.

Há também usos derivados do ablativo separativo. Quando esse expressa origem de alguém ou de algo (Ablativo de Origem), se vier representado por um pronome, é **obrigatório** o uso de preposição. Sendo expresso o nome, porém é facultativo o seu uso. (CLIMENT, p. 123)

Ablativo Comparativo: Climent diz que, no período clássico e nos seguintes, reforça-se o ablativo comparativo com preposições. Delas as mais usadas são *ab*, no período clássico, e *prae*, no latim corrente e pós-clássico, assim *prae ceteris mitior* (mais suave do que a outra). Principalmente no meio eclesiástico, esse tipo de frase também podia ser regida pela preposição *super*, como em *dulciora super mella* (mais doce do que mel). (CLIMENT, p. 128)

Ablativo Associativo-Instrumental: Esse tipo de ablativo pode atuar em duas frentes, traduzindo associação (João foi **com Pedro**) ou instrumento (João trabalha **com martelo**). Em latim é necessário reforço do caso ablativo com a preposição *cum* para expressar companhia ou instrumento. Assim: *cum aliquo proficisci* (começar com alguém); *cum telo ire* (Ir com uma arma); *cum febris venire* (Vir com uma febre). (CLIMENT, p. 128-129).

Um uso derivado do ablativo de instrumento é o uso de *cum* para indicar modo. Bassols diz que é muito difícil dar uma regra precisa a esse respeito, porém estabelece 3 normas: I) se o ablativo não for acompanhado de nenhuma determinação (adjetivo,

---

<sup>10</sup> Verbo simples nesse caso é o contrário de verbo composto. É compreensível que não se costume usar preposições com esses verbos já que elas estão compondo o verbo, como é o caso de *demigrare* (de+migrare), *decurrere* (de+currere), etc. Como se pode notar, a preposição já está integrada ao verbo, por isso não costuma ser repetida. Há casos porém, como o de alguns poetas, em que se repete a preposição com fins estilísticos.

genitivo, etc.), na prosa clássica sempre se usa a preposição. II) Se o ablativo vier determinado podem-se usar as duas formas, p.ex., *blandis verbis* ou *cum blandis verbis* (com palavras doces). III) Não se usa a preposição quando a palavra tem significado abstrato (CLIMENT, p. 131- 132).

Com acepção de instrumento temos construções com os verbos ‘marchar’ e ‘viajar’ indicando meio de transporte. Embora essa construção não seja frequente no período clássico é possível encontrar registros como *in equo* (a cavalo), *in raeda vehi* (na carruagem).

Bassols comenta que geralmente a tradução que se faz do instrumental latino, se faz com a preposição *com*:

“En realidad, ya en la propia lengua latina se encuentran los antecedentes del uso de la preposicion cum en vez del simple ablativo, pero los ejemplos corresponden al período postclásico y en su mayor parte a obras de autores de provincias, así: *cum ture libari* (Mart.); *herbam cum fuste evellere*<sup>11</sup> (Plin.). (CLIMENT, p. 136-137)

Entretanto, quando são pessoas sendo utilizadas como instrumento, usa-se a preposição *per*.

Ablativo de Qualidade: usado para descrever uma pessoa, mais raramente uma coisa. No período arcaico, introduz somente características físicas, nos seguintes também introduz características espirituais também. Desde o período arcaico, o ablativo de qualidade pode, às vezes, vir reforçado por *cum*, como em *Hannibal audaci cum pectore* (Hannibal, com o peito ousado) (Idem, p.133).

*Ablativo de Caminho*: Denota o lugar por onde se vai. Para expressar essa relação no latim utiliza-se geralmente a preposição *per*. Esse uso é muito comum e só não se usa a preposição em palavras como *via* que já significa caminho, isso é claro, se ela vier especificada, como por exemplo *via publica*.

*Ablativo em função de locativo*: Depois da queda do Locativo o Ablativo assumiu suas funções. No entanto, o triunfo deste caso durou pouco tempo, pois como começou a sofrer uma forte concorrência por parte da preposição *in*. Bassols comenta

---

<sup>11</sup> Tradução, respectivamente: **com incenso e libações e arrancar a erva com a haste.**

que “na realidade, o uso de um ablativo (sem preposição) em função de locativo fica circunscrito a uns poucos casos estereotipados de lugar e tempo”. (Idem, p. 146). Logo, podemos perceber que em função locativa a preposição *in* já regia com muito mais frequência o ablativo a fim de que ele denotasse a ideia locativa. Por exemplo: *agricultura laudatur in eo libro qui est de tuenda re familiari.* (Tratou de agricultura **em seu livro** que é a defesa de seus negócios particulares)

Nas expressões de tempo, a utilização de preposição era restrita, seu uso se dava apenas com palavras determinadas por adjetivos ou outros. Como exemplo temos *ter in anno* (três vezes por ano) ou *in tempore hoc* (em tais condições).

Por fim, apresentamos a seguir, o quadro completo das preposições latinas divididas entre as que regiam ablativo e as que regiam acusativo. Há também aquelas que regem os dois casos, como se poderá notar. Tentou-se traduzir aproximadamente seu valor, há que se destacar, contudo que, para uma tradução ou versão mais fidedigna, deve-se considerar o contexto e não somente a “tradução dada”.

#### ***Preposições seguidas de acusativo***

**ad** – a, para, até

**adversus** – em frente de, contra

**ante** – diante de, antes de

**apud** – perto de, em casa de

**circa/ circum** – em volta de

**cis/ citra** – aquém de

**contra** – em face de, contra

**erga** – para com

**extra** – fora de

**infra** – abaixo de

**inter** – entre

**intra** – dentro de

**juxta** – ao lado de

**ob** – diante de, por causa de

**penes** – entre, em poder de

**per** – por, através de, durante

**post** – atrás de, depois de

**praeter** – exceto, além de

**prope** – perto de

**propter** – por causa de

**secundum** – segundo, ao longo de

**supra** – acima de

**trans** – além de

**ultra** – além de

### ***Preposições seguidas de ablativo***

**a, ab** (afastamento) – de, por

**clam** – às escondidas de

**coram** – em presença de

**cum** – com

**de** – de, do alto de, sobre

**e, ex** – do interior de, de

**prae** – diante de, por causa de

**pro** – diante de, no lugar de, por

**sine** – sem

**tenus** – até

### **Preposições seguidas de acusativo e ablativo**

**in** – Com o ablativo significa: em, sobre

Com o acusativo significa: a, para, contra, para com, em

**sub** – Com o ablativo significa: no momento de

Com o acusativo significa: sob, por, imediatamente após

**super** – Com o ablativo significa: a respeito de

Com o acusativo significa: sobre, acima de, além de

**subter** – debaixo de (independente do caso)<sup>12</sup>

### **4.3.NO LATIM CORRENTE**

Graças à queda das declinações e a conseqüente confusão entre os casos latinos o uso de preposições se intensificou no latim popular. Esse latim corrente começou a apresentar uma estrutura muito próxima do que hoje encontramos nas línguas românicas, ou seja, sai-se dos casos morfológicos (declinações e casos) para casos sintáticos (estrutura de subordinação e fixação de ordem). (POGGIO, 2002)

Maurer Jr. (1959 p. 85) fala que “o recurso às preposições para expressão das relações entre as palavras seria já comum pela maior clareza que estas davam à frase”.

---

<sup>12</sup> As preposições em itálico podem ser empregadas como advérbios também, ou seja, nem sempre vão acompanhar complemento.

Completa ainda, o mesmo autor, que “o emprego das preposições se tornava uma necessidade quando a confusão das desinências, pela perda das consoantes finais e pelo enfraquecimento do timbre vocálico, trazia ainda maior obscuridade à frase”.

Muitas formas causais desde a antiguidade clássica já tinham o inconveniente de serem parecidas. De acordo com Poggio, é tendência natural do latim reduzir o número de flexões causais isso porque:

“A pluralidade formal para cada função, a possibilidade de uma mesma forma exercer várias funções e as mudanças fonéticas constituem fatores que contribuíram para que as desinências casuais perdessem muito de sua eficácia”. (POGGIO, 2002, p.81)

Veja-se, por exemplo, o dativo e o genitivo singular nos nomes da 1ª e da 5ª declinação, ou o dativo e o ablativo no plural de todas as declinações e no singular da 2ª, ou ainda o nominativo e o acusativo no plural da 3ª, 4ª e 5ª declinações. (MAURER JR., 1956, p.86).

Mais tarde, mudanças fonéticas como a apócope do -m (do acusativo singular), a aproximação do -o e do -u finais e a perda de distinção de quantidade na primeira declinação para o nominativo, o ablativo e o acusativo, vieram agravar a similitude já existente. O uso da preposição tornou-se essencial no latim corrente, pois, na mudança do caso morfológico para o caso sintático, já não eram as preposições que regiam os casos, mas sim esses que as exigiam para maior clareza.

De acordo com Maurer Jr. (1956, p. 166), não houve, no latim corrente, nenhum processo de formação de preposições a ser considerado, além do “uso de algumas preposições antepostas como uma espécie de partícula de realce<sup>13</sup>”.

Para além disso, ocorreram perdas de preposições como, por exemplo, *ob*, *propter*, *praeter*, *ex* e *ab* (os dois últimos permaneceram, mas com reforço, *de-ex* e *de-ab*). Permaneceram *ad*, *de*, *cum*, *in*, *sine*, *pro*, *per* (essas duas se confundem entre si),

---

<sup>13</sup> Maurer se refere ao processo de formação de locuções. O autor toma essa construção como sendo formada por uma partícula expletiva (sem força semântica) mais uma preposição ou advérbio do qual se queira realçar o sentido. A discussão sobre o valor dessa partícula e razões pelas quais ela foi colocada nessa posição será feita mais tarde.

*super, supra, sub, inter, intra, trans* e *secundum*<sup>14</sup>. Alguns advérbios se tornaram preposições como *foras* ou *foris, subtus, retro* e *(de-) intus*.

Para Theodoro Maurer o fenômeno “mais interessante é o reforço de grande número de advérbios de tempo e lugar e de certas preposições pela anteposição de uma preposição sem que se modifique o sentido fundamental dos mesmos” (MAURER, 1956, p. 167). Nessa função são mais comuns *ad, in, per*, mas principalmente *de*, que segundo Maurer, se torna partícula de reforço por excelência. Assim temos *de intus, de intro* (português: *dentro*), *de ex, de post* (português: *depois*), *de ia(m), de mane, de super* e *de ab*. Com *ab* nós temos, *ab ante* (francês: *avant*), com *ad, ad satis, ad trans, ad post* (português: *após*) e com *per* temos, *per inter* (português: *perante*).

Muitas dessas formas não perduram, mas observa-se que o mesmo processo se repete em todas as línguas românicas, indicando com clareza a origem latina. Algumas delas ocorreram também no latim clássico, literário, como *de super* ou *de intus*. A princípio nessas expressões havia noção de ponto inicial (o que está de acordo com a noção primária da preposição *de*)<sup>15</sup>.

Por fim, resta enfatizar que o uso das preposições cresceu muito no latim popular, pois com a queda dos casos, essas palavras começaram a marcar os papéis sintáticos o que antes ficava a cargo das terminações causais. Além disso, fica claro que essa é uma tendência que se desenvolve desde o latim antigo. Retomando as palavras de Mariano Bassols de Climent:

Existe, pues, una propoción inversa entre el número de las preposiciones y el de los casos. Los puntos extremos aparecen representados por el indo antiguo (no existen preposiciones) y las lenguas romances (no existen casos). El latin ocupa una posición intermedia. (1967, p. 226).

Podemos dizer, portanto, que o latim corrente ocupa a posição em que se dá a troca de forma mais drástica do paradigma de uma língua de caso morfológico para uma língua de caso sintático.

---

<sup>14</sup> Apud e circa também tiveram certa extensão de uso.

<sup>15</sup> Maurer diz que “[...] pouco a pouco, **de** se torna simplesmente expletivo, corrente com advérbios e preposições do tipo mencionado (de espaço e de tempo), sem qualquer função semântica especial”.

## 5. TEORIA DA GRAMATICALIZAÇÃO

Como proposta de abordagem teórica, usaremos a teoria da gramaticalização. Essa teoria se consolidou nos anos de 1970, mas foi definida por Meillet já em 1912. Meillet definiu a gramaticalização como sendo “a passagem de uma palavra autônoma para a função de elemento gramatical”.

Para Meillet, a cada utilização, um signo linguístico perde força expressiva podendo com o tempo tornar-se desgastado pelo uso, necessitando de formas gramaticais que deem nova força expressiva a este elemento linguístico. Esse processo é gradual e teoricamente infinito.

A gramaticalização resulta em novos sentidos. Segundo Barreto (2008, p. 20) “As palavras podem, em alguns contextos, sofrer alterações em suas propriedades de base, em outros, serem afetadas, em maior grau, desenvolvendo novos sentidos [...]”.

No continuum criado pela transformação de uma palavra menos gramaticalizada para uma palavra mais gramaticalizada, as relações entre as palavras são regidas pela metonímia e pela metáfora. Segundo autores como Heine, Claudi e Hünnemeyer, pode-se exprimir uma ideia pela outra através da gramaticalização seguindo esse sentido:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE<sup>16</sup>

Como ficou claro, as palavras se desenvolvem em um continuum, logo os resultados de um estudo que as considere sincrônica e diacronicamente seria o mais apropriado. Tanto Poggio (2002) quanto Barreto (2008) optaram por uma abordagem pancrônica<sup>17</sup>, que parece mais efetiva quando se trata de trabalhar com gramaticalização. Sendo um dos processos constitutivos da língua a gramaticalização geralmente causa mudanças morfológicas e semânticas.

---

<sup>16</sup> Esse continuum se refere ao domínio metafórico. (BARRETO, 2008, p. 21).

<sup>17</sup> Pancrônico refere-se à junção de diacronia e sincronia. Nas palavras de Cunha et al (1999): “estudar a mudança linguística - intrínseca à gramaticalização - envolve a pesquisa e a comparação de estágios linguísticos distintos, utilizando modelos ou teorias desenvolvidos nas pesquisas sincrônicas. Por outro lado, esses modelos podem ser testados a partir de dados históricos, e só podem ser considerados completos se permitirem a incorporação da mudança na gramática. **A combinação de informação sincrônica e diacrônica, no que se caracteriza como uma abordagem pancrônica do estudo da língua, fornece uma descrição mais densa, com possibilidade de explicação mais completa do fenômeno sob investigação.** Estamos, portanto, admitindo que o estudo linguístico sincrônico está intrinsecamente associado ao diacrônico.” (Grifo nosso)

Quanto ao conceito de gramaticalização, Rosauta Poggio (2002, p. 60) considera três pontos de vista variando conforme épocas ou perspectivas diferentes:

#### 1º Grupo: Léxico e Gramática (até 1970)

“A gramaticalização é um processo pelo qual uma unidade léxica ou uma estrutura léxica assume uma função gramatical. O item lexical vai de uma classe aberta para uma classe fechada.”

Para Kurylowicz, um dos representantes desse seguimento, a gramaticalização está intimamente ligada a alterações morfológicas. Segundo o mesmo autor, o item lexical amplia seus limites como morfema e avança do léxico para a gramática. Nesse processo o item lexical perde substância semântica e fonológica.

#### 2º Grupo: discurso e gramática

Esse segundo grupo, que se desenvolve em meados dos anos 70, considera o discurso pragmático como parâmetro para o entendimento da estrutura linguística. Para eles a gramaticalização não significa só uma transmutação do léxico em gramática, mas também uma “reanálise dos moldes do discurso para os moldes gramaticais”. (Poggio, 2002, p. 60).

Para esse grupo de autores, “a estrutura sintática é vista como um componente de derivado de uma estrutura do discurso” (Idem). Givón considera a gramaticalização a passagem de um modelo mais pragmático para um menos pragmático. E Dubois diz que as pressões do uso recaem sobre os tipos linguísticos e enfatiza a frequência no discurso como um indicador para a emergência de novos padrões gramaticais.

#### 3º Cognitivistas

Essa linha de pesquisa, de todas a mais atual, “vê a gramaticalização como um fenômeno externo à estrutura da língua e pertencente ao domínio cognitivo.” (Poggio, 2002, p. 61). Esses pesquisadores reforçam a ideia de que a gramaticalização é vem de uma alteração semântica.

Segundo Bybee e Pagliuca (apud Poggio, 2002, p. 61), “do sentido lexical desenvolve-se o sentido gramatical, através de um processo de generalização ou enfraquecimento semântico e um dos mecanismos usados é a extensão metafórica”. O

significado, no geral se move em direção à abstração. Nesse processo há ganhos e perdas de conteúdo semântico. Linguistas, como Rubba, apontam existir mais ganhos do que perdas.

Nesse sentido, muitos cognitivistas não aceitam o esvaziamento semântico, pelo contrário, há aumento de informação por meio de metáforas, extensão, etc. O que se observa na maioria dos casos é uma generalização semântica.

A afirmação de que a metáfora é um instrumento usual na gramaticalização encontra eco na afirmação Lakoff e Johnson (1980 apud Poggio, 2002, p. 62). Segundo esses estudiosos “a maioria do sistema conceitual do homem é estruturado metaforicamente” e afirmam: “os primeiros conceitos são os espaciais simples, derivados da experiência”.

Outro ponto de interesse dos cognitivistas é investigar não só a variação das formas gramaticais, ao longo do tempo, mas também, e principalmente, traçar a história da interação social humana e deprender aspectos da cognição. Durante algum tempo, porém, há desacordo quanto à classificação da gramaticalização como sendo diacrônica ou sincrônica. Hoje, Todavia, como já se afirmou antes, a maioria dos estudiosos opta por uma abordagem pancrônica.

À guisa de conclusão, adotaremos como definição de Gramaticalização aquela proferida por Castilho assim como Poggio:

Gramaticalização é o trajeto empreendido por uma forma, ao longo do qual, ela muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações semânticas e fonológicas, deixa de ser uma forma livre e até desaparece como consequência de uma cristalização extrema. [...] Gramaticalização é a codificação de categorias cognitivas em formas lingüísticas, aí incluídos a percepção do mundo pelas diferentes culturas, o processamento da informação etc. (CASTILHO apud POGGIO, 2002, p. 62-63)

## 6. ESTUDO DAS PRINCIPAIS PREPOSIÇÕES FORMADORAS DE LOCUÇÃO

Nessa próxima seção trataremos especificamente das preposições que mais comumente participam na construção das locuções preposicionais. Esse capítulo se justifica, pois também analisaremos se o sentido de base da preposição se mantém ou se reforça com a presença dos outros elementos da locução.

Selecionamos, portanto, para estudo as seguintes preposições (e seus respectivos correspondentes latinos): *a* e *de* (*ad* e *de*). Essas duas preposições estão em pelo menos 70% de todas as locuções que se formaram e que continuam a se formar. As duas também foram as que mais tomaram o lugar e a função de outras preposições e também de casos como o dativo e o locativo.

A seguir explicaremos o método de organização de significações a ser utilizado.

### 6.1.MÉTODO ORGANIZACIONAL DE SIGNIFICAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Cunha e Cintra (2007, p. 570) propõem um método de organização em que nos basearemos para estudar as preposições as quais analisaremos. Para esses autores (baseados em Bernard Pottier) a relação estabelecida entre as palavras por uma preposição pode implicar **movimento ou não movimento** (“melhor dizendo: pode exprimir um movimento ou uma situação daí resultante”) (Idem, p. 570).

Ainda segundo os mesmo autores “tanto o MOVIMENTO como a SITUAÇÃO podem ser considerados com referência ao ESPAÇO, ao TEMPO, e a NOÇÃO” (Idem, p. 571). O conteúdo semântico, porém, tem como base uma “ideia central”, uma noção que, apesar de se apresentar diversa em cada contexto, é única e dela deriva o significado da preposição. “Os matizes significativos que esta preposição pode adquirir em contextos diversos derivarão sempre desse conteúdo significativo fundamental e das suas possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional, com a presença ou a ausência de movimento.”

Para as preposições que denotam movimento é importante considerar um ponto limite (L), que nos permitirá definir a ideia de aproximação (Ma) ou de distanciamento (Md). A representação gráfica se daria dessa forma:



Os autores sintetizam esse método com um organograma que para nós é de interesse resaltar para darmos mais clareza ao que foi exposto:



Figura 1 Tabela Organizacional  
CUNHA; CINTRA, 2007, p. 572

Sobre o conteúdo significativo, Celso Cunha nos faz lembrar Azeredo e sua teoria do “grau de liberdade do enunciador<sup>19</sup>”. Um pouco menos pragmático, porém, Cunha faz diferença entre a “intensidade” com que sentimos o valor semântico da preposição. Segundo ele preposições que são obrigatórias à estrutura sintática da frase geralmente são também esvaziadas de seu sentido original ou têm o significado atenuado.

Cunha e Cintra concordam com Pottier ao afirmar que a preposição mantém, mesmo nos casos em que serve para estruturação sintática, uma parcela de seu significado. Cunha afirma, por exemplo, que verbos como concordar “em virtude das afinidades que existem entre o sentido do próprio verbo e a ideia de associação [...]” vai

<sup>18</sup> Como exemplo Cunha coloca duas frases: “Vou a Roma” (o ponto limite é Roma, portanto aproximação) e “Venho de Roma” (o ponto de origem/limite é Roma, portanto distanciamento). (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 571).

<sup>19</sup> Para maiores detalhes rever capítulo ... desse trabalho.

selecionar a preposição *com*. Além disso, elucida que o objeto indireto, selecionou as preposições *a* ou *para* em razão de seu valor de “movimento em direção a” que vai ao encontro do valor do caso dativo, ou seja, complemento de interesse<sup>20</sup>.

Para Cunha, o grau de intensidade da preposição varia conforme varia a relação sintática por ela estabelecida. Essa relação ainda pode ser FIXA, NECESSÁRIA ou LIVRE.

As relações fixas são aquelas que, tendo se unido ao todo significativo, as preposições fazem parte dele e não se desprendem, em outras palavras, seu significado não tem valor senão na leitura do todo. Nesse caso o esvaziamento semântico é drástico, preponderando “tanto na organização da frase como no valor significativo o conjunto léxico resultante da fixação da relação sintática preposicional.” (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 574).

Aquelas necessárias são as que “relacionam ao termo principal um conseqüente sintaticamente necessário” (Idem, p. 575). São portanto as que relacionam objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, etc. Nesses casos prioriza-se a função, daí a perda semântica e o relevo sintático.

As preposições que apresentam relação livre são aquelas que adicionam à relação conteúdo significativo próprio, sendo escolhidas para associar ideias e entre elas construir relações específicas, tais como, associação, destino, movimento em direção a, etc.

A seguir passaremos à análise das preposições propostas.

## **6.2. *a* do latim *ad*<sup>21</sup>**

Sabe-se que essa preposição vem do indo-europeu, entretanto não se sabe sua classe de origem. De acordo com Said Ali (apud POGGIO, 2002, p. 152), “inicialmente, *ad* era usado em latim, para expressar o conceito de ‘direção’ ou ‘movimento para

---

<sup>20</sup> A opinião de Azeredo é um pouco diferente quanto á existência de um esvaziamento completo da significação. Segundo esse autor, uma preposição pode ser semanticamente vazia, enfraquecida em seu sentido ou plena de significado. Ele defende sua hipótese dizendo, quanto as preposições obrigatória sintaticamente, que “O esvaziamento semântico dessas preposições tem favorecido o desaparecimento delas junto a alguns verbos de uso frequente na fala – ordinariamente os seguidos de *a* – que se tornaram transitivos diretos.” São exemplos desse fenômeno o verbo agradecer (agradeça seu irmão por mim) e o verbo assistir (Não quis assistir o filme) entre outros tantos. (AZEREDO, 2010, p. 217).

<sup>21</sup> Para maiores informações e para verificar as fontes do corpus e das traduções ver : POGGIO, 2002, p. 152 – 162.

algum ponto’ de ‘aproximação’”, por fim também adquiriu sentido de ‘junção de uma coisa com outra’.

Essa preposição assumiu muitas acepções as quais relacionaremos a seguir exemplificando:

## MOVIMENTO

### Espaço

a) ‘aproximação’, ‘direção para’. Equivalente aos atuais a, para, até:

[...] *ad urbem uenire* (Cíc.<sup>22</sup>)

(vir à cidade)

[...] *ex eo oppido pons ad Helvetions pertinet* (Cés.<sup>23</sup>)

(dessa cidade um ponto se estende até nos helvécios)

b) ‘Inclinar’. Traduzida por para:

[...] *ad centuriones ora convertunt* (Cés)

(eles voltam suas vistas para os centuriões)

c) ‘proteção’ ‘defesa contra’. Traduzida por a:

[...] *ad meos impetus oppornitur* (Cíc.)

(opõe-se aos meus instintos)

### Tempo

a) ‘aproximação’ com relação ao tempo. Traduzida por a, para, até:

[...] *ad hoc tempus* (Cíc.)

(até o momento presente)

[...] *ad summam senectutem* (Cíc.)

(até a máxima velhice)

b) ‘duração limitada’. Traduzida por por:

---

<sup>22</sup> Cícero em sua obra *In Verrem*, 70 a.C (Época clássica, alta literatura)

<sup>23</sup> César em *Georgica* de Virgílio, entre 70 e 19 a.C (Época clássica, alta literatura)

[...] brevis est et ad tempus (Cíc.)

(é curta e por um tempo)

c) ‘futuro’. Traduzida por em:

ad annum. (Cíc.)

(em um ano) [no próximo ano]

## **Noção**

a) ‘resultado’. Traduzida por a:

[...] ex agresti vita exculti ad humilitatem (Cíc.)

(formados e levados por uma vida selvagem à humildade)

## **SITUAÇÃO (SEM MOVIMENTO)**

### **Espaço**

a) ‘anexar’<sup>24</sup>. Traduzida por em:

[...] complecti vis amplissimos viros ad tuum scelus (Cíc.)

(queres envolver em teu crime os homens mais consideráveis)

b) ‘junto de’ ‘ao pé de’. Traduzida por com ou de:

[...] fuit ad me sane diu (Cíc.)

(esteve comigo muito tempo)

[...] ad urbem esse (Cíc.)

(estar perto da cidade)

c) ‘perante’ ‘na presença de’

[...] ad iudicem (Cíc.)

(Perante o juiz)

d) ‘adaptação’ ‘acompanhamento’ Traduzida por a:

[...] Cantare ad chordarum sonum (Nep.<sup>25</sup>)

---

<sup>24</sup> Poggio classifica essa acepção como sendo de movimento, entretanto discordamos da autora, pois o sentido próprio do verbo anexar já nos remete à ideia do fixo. Conferir em: Poggio, 2002, p. 153.

(Cantar aos sons de um instrumento de cordas)

e) ‘aderência’ :

[...] ad radices linguae haerens (Cíc.)

(fixado à base da língua)

### **Tempo**

a) ‘precisão’ Traduzida por em:

[...] ad diem (Cés.)

(no dia fixado)

### **Noção**

a) ‘Finalidade’ Traduzida pela locução em vista de:

[...] ad celeritatem onerandi paulo humiliores (Cés)

(em vista da rapidez do carregamento, manda fazer navios um pouco mais baixos.)

b) ‘relação’ traduzida pela locução em relação a:

[...] ad Cetera egregius (T. Lív.<sup>26</sup>)

(notável em relação ao resto)

c) ‘comparação’ ‘conformidade’. Traduzida pela locução em comparação a:

[...] terram ad universi caeli complexum quasi puncti instar obtinere (Cíc.)

(que a terra ocupa, por assim dizer, o equivalente de um ponto em comparação com a extensão que cobre o céu)

#### **6.2.1. Análise**

---

<sup>25</sup> Cornélio Nepos. A data de seu nascimento é imprecisa, porém viveu na mesma época de Cícero.

<sup>26</sup> Tito Lívio. Viveu de 59 a.C. até 17 d.C. (Época Clássica)

Os trechos selecionados correspondem a exemplos da utilização da preposição *ad* no período decadente e no período clássico. Como se pôde notar, já no período clássico e entre os mestres literatos, esta preposição assumiu funções diversas, tendo exemplos de seu uso em todos os campos propostos por nossa classificação. Esse comportamento mais abrangente nos sugere que o processo de gramaticalização da preposição *a (ad)* começou ainda no latim.

Outro dado capaz de provar essa afirmação é o de que *ad* estende seu campo de uso ocupando o lugar de *in*, em autores pouco clássicos (CLIMENT apud POGGIO, 2002, p. 154). Ela passa a ser usada então para indicar ‘acesso dentro de um lugar’, exemplo: *ad Italiam ire* em lugar de *in Italiam ire*.

Bassols de Climent fala ainda que com ideia de repouso *ad* assinala proximidade sem ideia alguma de movimento, equivalendo a *cerca de, diante de*. Por exemplo: *ad urbem esse* (estar diante da cidade).

Ainda é usual em autores não clássico utilizar essa preposição no sentido de ‘movimento contra algo ou alguém’:

[...] Legiones ad hostem ducere (TÁC.<sup>27</sup>)  
(conduzir as legiões contra o inimigo)

Nos Diálogos de São Gregório, há exemplos do emprego de *ad* com a acepção de modo, exemplo:

[...] ad cuius nimirum vocês advenit episcopus  
(E aos brados veio o bispo)

Said Ali (apud POGGIO, 2002) “afirma que a preposição *ad* foi empregada no latim vulgar com o sentido de ‘lugar onde’, para denotar ‘o ponto de chegada do movimento’”. Sendo utilizada assim a preposição passa a indicar permanência, para o que antes se usaria *in*. Poggio traz exemplos dos Diálogos:

[...] corpus eius ad ianuam monasterii iacet  
(Seu corpo jaz à porta do mosteiro)

---

<sup>27</sup> Tácito. Viveu de 55 a 120 d. C (período pós-áureo)

[...] *ad fenestram stans et omnipotentem Dominum deprecans*  
(estando a uma janela rogando Nosso Senhor<sup>28</sup>)

Passa-se também a construir o dativo com a junção de *ad* + acusativo. Esse uso já existia no latim clássico e se torna cada vez mais frequente no latim corrente. Em latim os verbos de movimento construía-se com as duas formas, dativo e acusativo preposicionado, “conforme se considerasse a intenção através da qual a ação era realizada (dativo) ou para a qual ela se dirigia (*ad* mais acusativo)”. (POGGIO, 2002, p. 157)

Segundo Poggio,

“Uma importante mudança do significado de **ad** foi a que levou a habilitá-la a introduzir o objeto indireto, nas línguas românicas [...]. Nesse caso há um posicionamento em uma equação semântica entre o valor resultativo do verbo e o da preposição, ambos contíguos. O papel da preposição consiste, então, em reiterar o valor resultativo do verbo, desenvolvendo um elemento semântico implicado no verbo, uma vez que ele é insuficiente ou incapaz de expandir sem a mediação da preposição.” (POGGIO, 2002, p. 158).

No que diz respeito à formação de locuções, geralmente, a preposição *a* indica o ‘tempo em que alguma coisa se passa’, por exemplo, em *a esta hora, ao outro dia, ao tempo que, às três horas*, etc.

É notória a ampliação do campo semântico da preposição *ad*. Na passagem para o português, para citar um exemplo, ela ganhou sentido de ‘ação mais próxima’, ‘imediata’ ao se ligar a um verbo no infinitivo (estar a comer, a dormir, etc).

Quanto à gramaticalização, Poggio (2002, p. 160) diz que ainda no latim ocorreu um processo de sintatização, quando *ad* era utilizado com acusativo, onde deveria haver dativo. Semanticamente essa preposição vem ampliando seu significado, “**sempre do concreto ao abstrato**”. No latim, o uso de *ad*, inicialmente para responder à questão *quo* (para onde), passou a responder também à questão *ubi* (onde), o que possibilitou a abertura do campo semântico de ‘ponto a atingir’ a ‘ponto atingido’.

---

<sup>28</sup> Em português arcaico: “e, estando a hua feestra rogando Nosso Senhor”. No português atual, utilizar-se-ia da preposição *em* (estando em uma janela...). Autores como M. Brea (apud POGGIO, 2002) assinalam que em espanhol e português a diferença entre *em* e *a* está na questão repouso/movimento.

No português, a preposição *a* é empregada para formar locuções adverbiais (*às vezes, às pressas, à direita*, etc.) e locuções prepositivas (*a cima de, aos pés de, ao cabo de*, etc.). Rosauta comenta que

“ocorre um processo de recategorização sintática e de semantização, uma vez que, ao integrar uma locução adverbial, ela passa a pertencer também a uma outra classe gramatical e recebe novos sentidos, e, no segundo emprego, ao compor uma locução prepositiva, ocorre uma ampliação dentro da sua própria classe gramatical.” (POGGIO, 2002, p. 162)

Na formação de locuções, de acordo com Poggio, “há um acentuado desbotamento semântico da preposição *a*”, que ocorre também quando ela é empregada com o dativo e quando eventualmente é empregada como prefixo (adjunto, advérbio, etc.)

### **6.3.de do latim de**

A preposição *de* é uma forma causal antiga que se instituiu como advérbio, podendo, posteriormente, funcionar como preposição e como pré-verbo. No latim *de* construía com o ablativo marcando “origem” assim como *ab* e *ex*. A princípio, acrescentava ao composto em que participava a ideia de ‘movimento do alto para baixo’, e a partir daí foi ganhando novas acepções.

## **MOVIMENTO**

### **Espaço**

- a) ‘movimento do alto para baixo’:

Lucretius et Attius de muro se deiecerunt (Cés.)

(Lucrecio e Átio lançaram-se do alto do muro)

[...] a caelo ad terram, de terra ad sidera mundi (Lucr.<sup>29</sup>)

---

<sup>29</sup> Titus Lucretius Carus. Viveu entre 99 e 55 a.C. foi poeta e filósofo e faz parte do período áureo da literatura latina.

(do céu para a terra, da terra para as estrelas do mundo).

b) ‘ponto de onde parte uma ação’:

haec agebantur de sella ac de loco superiore (Cíc.)

(aquela se fazia do alto da cadeira)

c) ‘extração’:

[...] oleum quod de natura olea fit (Cat.)

(o azeite que da oliveira se extrai)

[...] unus de multis

(um dentre muitos)

### **Tempo**

a) ‘depois de’ (em sentido temporal):

Non bonus somnus de prandio (Plauto)

(Não há bom sono depois da refeição)

### **SEM MOVIMENTO**

#### **Espaço**

a) ‘ponto onde se destaca’ ‘onde se liga alguém’:

[...] aliquis de circo Maximo (Cíc.)

(alguém do Circo Máximo)

[...] nova de gravido palmito gemma tumet (Ov.)

(o broto novo)

#### **Tempo**

a) ‘durante’:

De tertia uigilia (Cés.)

(Durante a terceira vigília)

## Noção

- a) ‘partitivo’ (que substituiria o genitivo<sup>30</sup>):  
[...] aliquis de nostris hominibus (Cíc.)  
(alguém dos nossos homens)
  
- b) ‘Relativamente a’ (traduzido pela locução com relação ao):  
[...] de numero dierum fidem servare (Cés.)  
(ter confiança com relação ao número de dias)
  
- c) ‘A respeito de’, ‘sobre’:  
[...] quae de nihil sentiendo dicta sunt (Cíc.)  
(o que foi dito sobre a ausência de sentimento)
  
- d) ‘Posse’ (expresso pelo genitivo latino):  
[...] in Beati Petri aecclesia demorarentur (DSG.)  
(pousar na igreja de São Pedro)

### 6.3.1. Análise

A preposição *de* “era a preposição latina de mais vitalidade, tanto na significação de base, como nas acepções metafóricas” (J.P. Machado apud POGGIO, 2002, p. 183). Principalmente em sentido figurado ou nocional a preposição *de* ganhou diversos matizes ainda no latim arcaico e seu uso continuou crescendo e se diversificando nas línguas românicas de modo geral. Além disso, *de* foi assumindo papéis cada vez mais importantes na mudança de uma língua sintética para uma analítica.

Substituindo o genitivo na ideia de “partitivo” *de*, além de exprimir as noções supracitadas (ver nota de rodapé anterior), também podia significar modo [*de industria* (de propósito deliberado)] e substância [*De marmore templum* (templo de mármore)]. Nascentes (apud POGGIO, 2002, p. 184) diz que “*de* assumiu, no latim tardio e nas

---

<sup>30</sup> de passaria a substituir o genitivo (subjeto ou objetivo) também nos casos em que esse indicava ‘origem’ [homo de plebe (homem do povo)]; causa [de via fessus (cansado do caminho)]; e instrumento [de lucro vivere (viver do lucro)]. (POGGIO, 2002, p. 183).

línguas românicas, a força genitiva”. Said Ali afirma que “*de* passou a substituir com mais largueza o ablativo e chegou a tomar o lugar do genitivo, nos conceitos que esse caso exprimia” (apud POGGIO, 2002, p. 185) em seguida dá exemplos:

- genitivo subjetivo: amor de mãe (*amor matris*)
- genitivo objetivo: amor da prátia (*amor patiae*)
- genitivo possessivo: casa do rei (*domus regis*)
- genitivo especificativo: virtude da abstinência (*virtus abstinentiae*)
- genitivo de qualidade: homem de grande talento (*homo magni ingenii*)
- genitivo partitivo: muitas das casas (*multae domorum*)
- genitivo de quantidade, de peso, de medida, de grandeza, de idade etc.: vala de quinze pés (*fossa quindecim pedum*), menino de dez anos (*puer decem annorum*) (SAID ALI apud POGGIO, idem).

A utilização de *de* + ablativo concorre com o nominativo nas expressões de títulos, por exemplo: *De legibus* (a respeito das leis) *De bello Gallico* (a respeito das guerras da Gália) (VÄÄNÄNEN apud POGGIO, 2002, p. 183).

A preposição *de* foi a que se empregou mais vezes para fins diversos do seu sentido original. Inicialmente exprimia ‘afastamento de cima para baixo’, mas passou a se confundir com *ab* e *ex* – que também expressavam afastamento, porém acrescentavam um sentido mais específico a este – vindo a sobrepô-las mais tarde. O fato de *de* ser mais impreciso, podendo por isso assumir mais papéis, somado ao fato de se iniciar por consoante, sendo por conseguinte mais plena que suas concorrentes, deu a ele vantagem e fez com que substituísse *ab* e *ex*.

No português *de* foi acrescida de inúmeras acepções como a de *atribuir uma qualidade ou ação a um ser*<sup>31</sup>, funcionar como indicador do *agente da passiva*<sup>32</sup> (uso arcaico), indicar o *todo*<sup>33</sup>, o *gênero*<sup>34</sup>, e tantas outras mais.

Quanto à gramaticalização da preposição *de* Poggio destaca as seguintes afirmativas:

“[...] no latim do Baixo Império, houve um processo de sintatização, quando passou a ser empregada de mais ablativo, num ambiente onde

<sup>31</sup> Os mais sutis de entendimento. (POGGIO, 2002, p. 186)

<sup>32</sup> Foi universalmente amado de todos seus súditos. (Idem)

<sup>33</sup> Se não sois dos ditosos, sede dos diligentes. (Idem)

<sup>34</sup> Um pedaço de pão, uma resma de papel. (idem)

antes ocorria o genitivo sem preposição; [...] houve uma remodelação tipológica, quando a subordinação passou a ser indicada por meio do uso da preposição *de*.”

Diz ainda a autora que  
“na passagem do latim para o português, a preposição *de* foi a que alcançou maior ampliação do seu campo semântico, sendo acrescida de muitas novas acepções; entre as preposições *de* é a que encontra maior grau de abstração.”

Por fim, vale ressaltar que: a) a preposição *de* entra na formação de locuções prepositivas, onde é, de todas, a mais utilizada; b) forma também locuções adverbiais e conjuntivas havendo, portanto, recategorização sintática; c) funciona como prefixo em palavras como *decorrer* e *demarcar*, onde se enfraquece perdendo seu sentido de base; e d) pode representar, entre outros casos latinos, o ablativo, o acusativo, o genitivo, o locativo e o nominativo.

## 7. LOCUÇÃO PREPOSITIVA

Maurer Jr (1959, p. 166) considera que não há processos de formação de preposições a serem considerados no latim vulgar, exceto “o uso de algumas preposições **antepostas como uma espécie de partículas de realce.**” Fora isso alguns advérbios constituíram novas preposições como *foras* ou *foris*, *subtus*, *retro*. Não é surpresa esse uso, já que a maior parte das preposições veio de advérbios.

Entretanto, o que seria, de acordo com Maurer, o “fenômeno mais interessante do latim vulgar é o reforço de grande número de advérbios de tempo e de lugar e de certas preposições pela anteposição de uma preposição, sem que se modifique o sentido fundamental dos mesmos” (Idem, p. 167). Há várias preposições que podem assumir esse papel (*ad*, *in*, *per*), contudo é o de que se transforma como esse partícula de reforço por excelência.

Temos então a formação de locuções como: *de intus*, *de intro* (port. *dentro*), *de ex* (port. *desde*), *de post* (port. *depois*), *de ia*, *de mane*, *de super*, *de ab*, etc. De acordo com Maurer muitas dessas formações não alcançam grande extensão, mas o processo é bastante utilizado e está em todas as línguas românicas indicando de forma evidente a origem latina.

A utilização da preposição *de* nessas construções estaria explicada, segundo Maurer, pois “a princípio haveria nessas expressões uma noção de ponto inicial, mas pouco a pouco, *de* se torna simplesmente expletivo, [...] sem qualquer função semântica especial” (Idem, p. 167)<sup>35</sup>

S. Svorou (apud POGGIO, 2002, p. 70) percebe ao estudar a gramaticalização de algumas preposições, que elas seguem um padrão, ou melhor, percorrem alguns estágios. Sendo assim, quando as preposições se gramaticalizam através do processo de morfologização, i. e., da junção de elementos de várias classes ou de uma mesma classe (como é o caso das locuções prepositivas), elas apresentam três estágios distintos e subsequentes:

“Em primeiro lugar, há um estágio em que os elementos encontram-se **enlaçados (embraced)**; nesse caso, o morfema linguístico e o seu complemento constituem unidades fonológicas independentes embora componham uma unidade maior, figurando em formas estereotipadas com tendência à cristalização; no segundo estágio, o da **aglutinação (agglutinated)**, os morfemas acham-se afixados, embora sejam identificáveis em contextos fonológicos; e finalmente, no último estágio, o **fundido (fused)**, os morfemas afixados estão sujeitos à alteração fonológica ligada à raiz, podendo apresentar alomorfia condicionada por categorias morfológicas (gênero, número, etc.)”<sup>36</sup>

Por incrível que pareça, na opinião de Sodegard (apud POGGIO, 2002, p. 149):

“[...] o latim, apesar de sua natureza sintética e casual, possuía mais preposições do que as línguas românicas. Nessas línguas, em geral, houve uma redução das referidas partículas, compensada pelo enriquecimento funcional de algumas delas. Muitas preposições

---

<sup>35</sup> Uma crítica que fazemos ao que Maurer propõe é que parece-nos muito confortável considerar que *de* é somente expletivo, negando a ele qualquer estudo que não seja o da simples observação de sua atuação semântica dentro da locução. Para nós o que está em voga é uma constatação muito mais ampla, ou seja, que essa partícula tem um valor gramatical imenso. Pois, apesar de ter aberto mão de seu conteúdo semântico, sem essa partícula não poderia atuar o segundo elemento na função determinada, ou seja, seu valor sintático-relacional estaria prejudicado.

<sup>36</sup> Não é difícil perceber que esse processo se deu no caso das locuções prepositivas. Os exemplos são diversos, podemos deduzir, portanto que locuções como *de cima* ocupam o primeiro lugar na sequência, enquanto *acima* ocupa lugar intermediário e depois, por exemplo já cumpriu o ciclo. Interessante é que há um continuum, veja-se como exemplo a locução *depois de*, reiniciando o ciclo.

subsistem como prefixos. Entretanto, o quadro das preposições nas línguas portuguesas e românicas, em geral, tem sido ampliado pela criação de perífrases preposicionais ou locuções prepositivas, que, nas relações, são usadas em lugar das preposições simples”.

Segundo Poggio (2002, p. 104),

“As preposições tendem a ser usadas com muita frequência, o que conduz ao esvaziamento do seu sentido **individual**, havendo uma tendência à generalização. Algumas vezes, torna-se difícil encontrar o seu sentido de base ou originário. [...] Quando a preposição é empregada com menor frequência, ela conserva sua função básica, torna-se mais independente e tende a concentrar-se num só sentido, como acontece, por exemplo, com **ante, após, desde, sem**, etc., ao passo que, ao ser usada com maior frequência ela tende a tornar-se mais abstrata, sendo maior seu valor gramatical como ocorre com as preposições: **a, de, em**, etc.”

Essa colocação de Rosauta Poggio, pode explicar o porquê de serem escolhidas com mais frequência as preposições *a* e *de*, por exemplo, para construírem locuções. O que se busca não é material semântico, pois esse já está contido no outro termo da locução. Quando uma preposição como *de* entra em uma locução é para emprestar seu valor gramatical, geralmente para recategorizar ou para reafirmar a categoria.

Meillet e Vandryes (apud POGGIO, 2002, p. 121) dizem que há uma tendência de usar locuções adverbiais como preposições em todas as épocas do grego e do latim. “Isso permite a renovação das preposições por meio de criação de sintagmas mais expressivos”. Consideram também que “muitas preposições podem encontrar-se combinadas diante do regime. Esse reforço de preposições é, em grego e em latim, característico da língua popular, correspondendo a uma necessidade de comunicação”.

Alguns dados da pesquisa realizada por Poggio podem ser relevantes para demonstrar tanto o crescimento de ocorrência de locuções prepositivas, além de dar motivos para esse fenômeno. Os casos, por exemplo, em que uma locução traduz uma preposição simples, como em *ixuta (cabo de)*, *post (a cima de)*, *circa (en cima de)*, etc., correspondem 60% das vezes a casos onde a preposição latina não passou para o

português, havendo necessidade de expressá-la de outra forma. Há casos também em que um caso morfológico latino é trocado por locução prepositiva, exemplos: acusativo por *en cima de*, ablativo por *per rason* e locativo por *a cima de*, nesses casos todas foram empregadas como introdutoras de adjuntos adverbiais. Uma terceira possibilidade é a de uma locução prepositiva em português traduzir um advérbio em latim, como em: *foras* por *fora de*; *introrsus* por *dentro ao*; *non longe* por *perto de*; *ulterior* por *fora de*, note-se que todos eles estão se referindo à espaço, como é previsto no primeiro estágio de gramaticalização. (POGGIO, 2002, p. 141-147).

Já foi dito que na gramaticalização parte-se de uma base locativa a uma noção gradualmente mais abstrata. A gramaticalização é unidirecional, ou seja, itens lexicais, em certos contextos assumem funções gramaticais, e depois de gramaticalizados, podem desenvolver novas funções gramaticais. Dessa forma, as novas formas que surgiram para satisfazer às necessidades de comunicação, no que refere às preposições, as locuções preposicionais formadas por nomes, numerais, advérbios, etc., começam “dotadas de uma força expressiva, mas, com o passar do tempo, sofrem generalização”. Sabe-se que a maioria das locuções formadas tem caráter locativo, sabe-se também que muitas se cristalizaram ou aglutinaram, logo podemos ver nessas constatações que o processo de gramaticalização nunca para. (POGGIO, 2002).

Por fim cabe ressaltar que o quadro das preposições portuguesas vem se ampliando graças à criação de perífrases preposicionais, ou locuções prepositivas. Servem essas locuções para expressar relações que não poderiam mais serem expressadas com o uso da preposição simples, seja porque essa se perdeu na passagem do latim para o português, seja por ter tido, pelo uso, sua semântica desbotada. As locuções são instrumentos da língua, principalmente oral, dito isso, ressalta-se não só seu significado mais concreto e pertinente em algumas situações, como também, e porque não, sua produção fonética que não deixa dúvidas quanto ao que foi dito.

Muito há que se rever na teoria daqueles que por descuido, legam à locução prepositiva o segundo plano dos estudos. Não é somente reforço o que se obtém com a formação de uma locução prepositiva: é um novo meio de expressar os anseios e sonhos do pensar humano.

## CONCLUSÃO

Como pôde ser visto, ao longo dessa exposição, os processos de gramaticalização estão tão vivos como estiveram à época do latim. As preposições são palavras que demonstram isso com clareza, pois constituem uma classe em plena expansão nos dias atuais. O mesmo processo de formação, ou seja, as mesmas estratégias de uso estão presentes no latim, principalmente o corrente, e nas línguas românicas de maneira geral.

É por meio das locuções prepositivas que essa classe, de tempos em tempos, recebe novos termos, que em um primeiro momento estão atuando separados, mas que depois podem virar uma só palavra, através do processo de morfologização. Assim se deu com a preposição *desde*: em primeiro lugar houve a união de *de+ex*, dessa junção resultou a preposição arcaica *des*, depois houve novo reforço formando *desde*. Hoje não é difícil encontrar quem adicione mais um termo a esse elemento formando frases como: \*Porque *desde de* crianças ouvimos que a vida é difícil?

Rosauta Poggio também traz um ótimo exemplo desse processo em funcionamento. Segundo ela,

“a mudança de um nome em preposição provoca reanálise no sintagma em que tal Nome está presente e que, embora conserve seu sentido original, ele não pode ser determinado por artigo e nem receber as propriedades sintáticas que, normalmente, lhe são atribuídas pelo Verbo. É o que acontece, em português, por exemplo, com o nome **amor** em **por amor de** ‘por causa de’. Dessa locução, resultam as variantes atuais **prumode** e **pramode**, chegando-se à forma simplificada **mode**, em decorrência de um processo de erosão fonética.”

A mudança de uma língua de caso morfológico para uma de caso sintático não se dá rapidamente, pelo contrário levam-se anos para que um dos sistemas prevaleça sem a concorrência do outro. Podemos dizer que as preposições são as marcadoras dessa mudança, sem as quais não se estabeleceriam importantes relações lógico-sintáticas. Nesse caso, são as locuções prepositivas cumpridoras de um papel essencial dentro da língua: criar, renovar ou reforçar as possibilidades de relacionarmos os mais diversos termos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- AZEREDO, José Carlos Mendes de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BOFF, Valquíria Maria Mendes. Da *dificuldade em definir “latim vulgar”*. *Rev. Língua, Literatura e Ensino*. v. 5, out. 2010. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/le/article/view/1164/966>>. Acesso em: 27/08/2012.
- CLIMENT, Mariano Bassols de. *Sintaxis latina I*. Enciclopedia Classica, n. 3. Madrid: Fernandes Madrid, 1967.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- M. SAID ALI. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: Melhoramentos/ Universidade de Brasília, 2001.
- MAURER JR., Theodoro Henrique. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962
- \_\_\_\_\_. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.
- OLIVEIRA, Daniele Felizola de. Aspectos morfossintáticos das preposições portuguesas à Luz do funcionalismo. *Revista Icarahy*. Disponível em: <[http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/2/dlingua/Daniele\\_Felizola\\_de\\_OliOlive.pdf](http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/2/dlingua/Daniele_Felizola_de_OliOlive.pdf)>. Acesso em: 27/08/2012.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.

SEABRA, José. *Ad latinitatis lvmīna: introdução ao latim*. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/51190821/Ad-Latinitatis-Lvmina-Introducao-ao-latim>>. Acesso em: 27/08/2012.

SILVA NETO, Serafim da. *Fontes do latim vulgar: o appendix probi*. Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1946.

\_\_\_\_\_. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1997.